

ricans in the United States and Jews from Muslim countries in Israel produced in the 1960s-1970s, having attained mainstream acceptance in the 1990s. This comparative study of transnational music phenomena developed mainly as a result of Morad's fieldwork, during which he observed in Tel Aviv the musical practices of a transnational community of undocumented, non-Jewish, Latin American workers who manifested a preference for *muzika mizrahit*. This essay also adds to the new challenge to the boundaries of Latin American Jewish studies that cuts across the entire book.

A close look at the selections made by Ran and Cahan constitutes an invitation to explore newer modes of Latin American Jewish literary and cultural production. The book brings up different ways in which ethnic minority identity is experienced and represented when it arises out of a multicultural national landscape, as well as from transnational communities. In a self-reflexive attitude, this collection of articles proposes textual re-readings and canon revisions, and it reopens questions posed in this literary and cultural tradition, such as immigration and exile, alterity and sameness, exclusion and integration. In addition, it calls for methodological re-examination of assumptions and categories of analysis, thus stimulating non-traditional multidisciplinary cross-boundary explorations. Finally, the Babel metaphor refers not only to the diversity of languages and symbolic orders, but alludes also to the multiplicity of academic disciplines and perspectives that meet within the realm of Latin American Jewish studies, to which this volume makes a significant and very valuable contribution.

**Patricia Nuriel**

*Wofford College*

**MÔNICA RAISA SCHPUN: *Justa Aracy de Carvalho e o resgate de judeus: Trocando a Alemanha nazista pelo Brasil*. Civilização Brasileira, 2011.**

Escrita pela historiadora Mônica Raisa Schpun, esta é a biografia de Aracy de Carvalho e a história da amizade que a uniu a Maria Margarethe Bertel Levy, duas mulheres com perfis e trajetórias distintas e cujo encontro se deu em circunstâncias trágicas: a necessidade de Margarethe e seu marido Hugo emigrarem da Alemanha nazista e a atuação de Aracy, funcionária do consulado brasileiro em Hamburgo entre 1934 e 1942, facilitando a obtenção de vistos e auxiliando nos trâmites de emigração de judeus alemães cuja entrada no Brasil seria legalmente vetada. As duas voltariam a se encontrar em São Paulo, nos anos 1940, e estabeleceriam uma duradoura relação de amizade. Por sua atuação, Aracy se tornou em 1985 uma "JUSTA", honraria concedida pelo "Yad Vashem", em

Israel, que apenas mais um brasileiro recebeu: o embaixador Luis Martins de Souza Dantas (biografado por Fabio Koifman).

A partir da biografia e do encontro entre as duas mulheres, o livro traça um panorama histórico da situação brasileira e alemã nas décadas de 1930 e 1940, que inclui temas como o cotidiano em São Paulo e Hamburgo, e compõe uma narrativa bem estruturada e bem escrita. É na abordagem e sensibilidade com que lê os documentos e os interpreta, a partir da perspectiva de gênero, que o livro atinge seu aspecto mais interessante e original. O retrato de Aracy e de Margarethe, duas mulheres “emancipadas”, é cheio de insights sobre como elas viviam e olhavam o mundo a partir de sua condição de mulher frente ao trabalho, aos espaços urbanos, às tarefas e fluxos do cotidiano, às amizades, às relações familiares, ao casamento e aos filhos – revelando uma Aracy que não era apenas (anacronicamente) a esposa do consagrado escritor Guimarães Rosa. As confluências entre a vida pessoal de duas mulheres e a história estão bem resolvidos – entre o relato fatural e as discussões historiográficas sobre como pesquisar e narrar uma vida feminina.

Aracy viajou à Alemanha em 1934 em função de uma separação conjugal e a vontade de distanciar-se do ex-marido. E iniciar outra etapa de sua vida. Em Hamburgo, graças a influências da família e de conhecidos, passou a trabalhar no consulado brasileiro, onde permaneceu até 1942. Os capítulos 2 e 3 tratam principalmente da vida de Margarethe, seu marido Hugo e os emigrantes judeus alemães salvos do nazismo e do extermínio graças à atuação de Aracy. O retrato de Margarethe também é interessante, especialmente em seu perfil de mulher com autonomia e que optou por não ter filhos; e, a partir daí, uma ilustrativa história de questões do gênero na Alemanha. Os outros emigrantes têm pequenos retratos elaborados a partir da documentação nazista da emigração (como os inventários de bens), os trâmites de entrada e permanência no Brasil e as posteriores solicitações de reparação. É sempre chocante ler o relato minucioso do cotidiano legal e burocrático das engrenagens de exclusão dos judeus da vida alemã após 1933.

O capítulo final narra o reencontro das duas e a amizade que elas estabeleceram no Brasil. Conta ainda os repugnantes detalhes burocráticos dos pedidos de reparações de guerra que, no caso de Margarethe, se estenderam por mais de dez anos. Por fim, Monica Schpun mostra como foi o processo de concessão do título de “JUSTA” a Aracy, com a necessidade de estabelecer objetivamente a sua atuação no consulado. Em meio às lacunas documentais, memórias divergentes e esquecimentos, a autora constrói uma narrativa sofisticada que se move entre a pesquisa documental e camadas emaranhadas de memória registradas em diferentes épocas e com diferentes contextos históricos e enquadres institucionais. A autora transita com muito rigor e cuidado entre os casos de “salvamento”, que

se pode objetivamente precisar (porque burlavam as restrições imigratórias do Estado-Novo em meio à indiferença e ao preconceito) e as referências menos precisas a centenas de casos que ela ajudou (ou teria ajudado) de alguma forma. Schpun procura, também, mapear o papel de Guimarães Rosa, que chegou a Hamburgo em 1938. Fica em aberto qual foi sua postura em relação à ação de Aracy, mesmo ele tendo se tornado seu companheiro e com cargo mais alto no consulado (mas fica uma dúvida no leitor se não existiriam mais fontes primárias relativas ao próprio Guimarães Rosa).

Alguns reparos não desmerecem em absoluto as qualidades da obra. Os círculos de assuntos que se abrem a partir da biografia de Aracy permitem à autora tratar de inúmeros temas que compõem a narrativa. Mas alguns temas são tratados com menos ênfase, como por exemplo as questões diplomáticas em torno do rompimento de relações entre o Brasil e o Eixo (Gerson de Moura, Ricardo Seitenfus e outros), o que seria importante no episódio em que Aracy e outros diplomatas brasileiros são confinados até serem trocados por diplomatas alemães no Brasil. A própria história da Segunda Guerra Mundial poderia ser um pouco mais abordada, principalmente no retorno de Aracy ao Brasil e também no cotidiano da guerra no Brasil, no qual as duas mulheres estiveram imersas a partir de 1942.

Por fim, o debate historiográfico sobre o “anti-semitismo na Era Vargas” merecia tratamento mais atento. Embora Schpun não endosse as teses do historiador Jeffrey Lesser, seu livro é mais uma corroboração destas teses, pelo fato de que, apesar da legislação (circulares secretas e outras), a imigração continuou (dramaticamente negociada caso a caso e não mais institucionalmente, conforme mostrou Avraham Milgram). Este processo fazia parte de um jogo político e econômico local, nacional ou internacional, e de negociações que envolviam interesses políticos brasileiros de várias ordens e estereótipos, ora positivos ora negativos, diante dos quais os judeus se tornaram, na expressão de Lesser, “peões do poder” (*Pawns of the Powerful. Jewish Immigration to Brazil, 1904-1945*), título de sua tese de doutorado em 1989, que ganhou a versão em português *O Brasil e a Questão Judaica. Imigração, Diplomacia e Preconceito* em 1995). E, ainda, que o antisemitismo presente no nível institucional e diplomático não se estendeu aos judeus que viviam dentro do Brasil. Apesar da centralização e autoritarismo, era um “padrão oficial” deixar que a política imigratória se resolvesse no nível da negociação pequena, com suas brechas e ambiguidades vinculadas a estereótipos e negociações de toda ordem sujeitas às influências do preconceito no próprio Brasil e na Europa.

É claro que estas indagações são suscitadas pela qualidade, complexidade e extensão da pesquisa e pela excelente composição narrativa do livro. Dirigido também ao grande público, em uma edição bem cuidada e com um caderno de

fotografias, mostra como historiadores podem transformar uma complexa pesquisa de história, com suas questões metodológicas e historiográficas expostas, em um livro atraente ao público leitor em geral.

**Roney Cytrynowicz**      *Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, São Paulo*

BARAK KALIR: *Latino Migrants in the Jewish State: Undocumented Lives in Israel*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2010.

This is a fascinating ethnographic study, documenting the lives of some 12 thousand undocumented migrants who reached Israel in the mid-1990s from various Latin American countries. Of special importance is the effort to analyze the full circle of this migration flow. The book is based on extensive field work among these migrants in Israel, as well as among returnees, deportees, and potential migrants in Ecuador.

Kalir describes the Latino experience in Israel, how these migrant workers “found accommodation and jobs, made friends, developed a rich recreational scene, formed families, raised children, attempted political mobilization, and developed a deep sense of belonging to Israeli society” (p. 2).

The author highlights the contradictory nature of Israeli policies. On the one hand, Israel was looking for a cheap and “flexible” work force to replace Palestinian workers excluded from the labor market following the outbreak of the *intifada*. On the other hand, Israeli policy makers were always worried about possible challenges to the Jewish and Zionist character of the state. This partially explains why Israel turned a blind eye to the presence of approximately 100 thousand undocumented migrants from different continents in the 1990s, and why it decided in 2003 to deport the majority of them.

Kalir also points to the gap between the policies of state institutions and the attitudes of civil society towards the migrant workers. While the Ministry of Interior, under the orthodox Eli Yishai, adopted an aggressive policy towards these migrants, many civil society actors challenged and tried to subvert repressive state policies against non-Jewish migrants. Latin American workers interviewed by Kalir emphasized the relative absence of racism in Israeli society (one of them, pointing to cultural similarities between the migrants and their host society, proclaimed that “Israelis are the Latinos of the Middle East”).

Thus Kalir can talk about *de facto* integration into society versus official rejection by the state. Indeed, Israelis have had positive images of Latin Americans, Jews and non-Jews alike. The number of intermarriages between Jewish Israelis and non-Jewish Latino migrants also attests to a kind of openness towards